



O passar e o repassar das histórias sombreadas: o lugar da mulher na história, na literatura e na paisagem

MARÍLIA GARCIA BOLDORINI

ROBERTA BARROS MEIRA

Resumo:

O artigo que aqui se apresenta pretende aprofundar as reflexões a respeito do gênero textual biografia e a sua relação com as histórias e a composição de paisagens sombreadas. Tendo em vista que a literatura, retrato fiel de nossa sociedade, é uma das formas de representação dessa sociedade e descreve os contextos histórico, social, ambiental, político e econômico, ela consiste no relato dos eventos em determinado território. Especificamente com a biografia, um dos tipos de discurso englobados pela literatura, podemos traçar uma análise macroestrutural da sociedade, de suas tensões, conflitos e acontecimentos, usando a figura de um único indivíduo, tido como um modelo social, como exemplo e imagem de uma construção social. Dessa maneira, o objetivo do presente texto foi averiguar como a paisagem cultural aparece na biografia preocupando-se principalmente com o contexto sócio-histórico detalhado na narrativa *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, do escritor joinvilense Wilson Gelbcke (2004), enfatizando questões como o gênero e as mudanças políticas ocorridas no período descrito na obra, haja vista as mulheres foram por muitos séculos excluídas da história social, econômica, política etc. O livro detalha a vida de Olívia Maia Mazzolli, que desenvolveu importante trabalho comunitário na cidade de Joinville, localizada no estado de Santa Catarina. Nesse caso, queremos chamar a atenção para o uso de fontes literárias e à sua aproximação às novas abordagens e metodologias para revisitar temas ligados à história das mulheres. Também atentamos para a relação que se delineia entre o lugar das mulheres ao longo da história, a paisagem e aqueles que têm o direito, ou se dão o direito, de escrever livros de memórias, como as biografias, pensando de maneira especial no desequilíbrio que existe entre os que detêm a palavra e a voz e aqueles que não as detêm. Com a análise traçada aqui, pudemos perceber que nenhum texto, incluindo a biografia, é neutro ou imparcial. Todos eles contêm uma visão de mundo particular, sobressaindo a do narrador da obra, e isso de alguma maneira influencia o modo de pensar do grupo social a que pertence aquele livro. Por isso, precisamos ficar atentos na mensagem que se quer transmitir com tal discurso.

Palavras-chave: literatura; biografia; paisagem cultural; história das mulheres.

Introdução

“Têm as mulheres uma história?” (PERROT, 2006, p. 187). É com essa indagação que começamos as reflexões aqui tecidas, numa leve, porém instigante,



provocação. As mulheres quase nunca são protagonistas de histórias, mas quando isso acontece geralmente o são de histórias contadas por homens, pelo viés, portanto, masculino. “A mulher é observada e descrita pelo homem. Militante, ela tem dificuldade em se fazer ouvir pelos seus camaradas masculinos, que consideram normal serem seus porta-vozes” (PERROT, 2006, p. 186). Então, à mulher fica relegado o segundo plano, a coadjuvação de uma história que também é sua.

A exclusão sofrida pela mulher da história fica bastante evidente nos relatos, seja de qual tipo o for, principalmente quando consideramos descrições a nível econômico, político e societário. A literatura, retrato fiel de nossa sociedade, também fica aquém quando falamos de equilíbrio de gênero.

Pensando em literatura, interessa-nos aqui abordar o gênero textual biografia, por meio do qual é possível fazer uma análise macroestrutural da sociedade e de seus quadros explicativos. Sendo a biografia a ilustração de uma realidade mais ampla mediante um indivíduo que é usado como exemplo, como a imagem de uma construção social (AVELAR, 2010), quer-se refletir quanto aos aspectos do referido tipo textual e aos elementos que o compõem, focando principalmente nas questões de gênero e no ambiente que as rodeia.

Tendo a voz feminina sido apagada por tanto tempo ao longo da história, percebeu-se que as biografias ligadas a personagens femininas regionais na sua maioria não granjearam muita receptividade nos estudos sobre a história das mulheres ou por parte do público. De qualquer forma, as biografias que colocam as mulheres em primeiro plano ainda são esparsas. É certo que as condições diferem se levarmos em conta a popularidade de algumas personagens históricas, mas do outro lado estão os casos pouco conhecidos nacional ou mundialmente, porém representativos se pensarmos em âmbito local. A relação entre o gênero do biógrafo e a maior ênfase a ser dada às hierarquias enquanto feitos de homens e mulheres é elemento importante na análise desse tipo de fonte.

A ideia de estudar em conjunto a biografia e a paisagem cultural, conceito ao qual a geografia e a história projetam seus conhecimentos para referendar as possibilidades de hegemonia e soberania da nação e a construção de um sentido de



comunidade, surgiu da verificação da ausência de discussões concernentes à geograficidade no texto biográfico. Em pesquisas feitas em relação ao assunto, viu-se que a temática foi muito discutida nos gêneros textuais jornalísticos, por exemplo, em romances, poesias, contos e fábulas, entretanto nada se encontrou sobre paisagem cultural na biografia, embora seja impossível não associar a descrição da vida de um indivíduo a fatos da época e da sociedade em que ele está inserido. Afinal, o gênero descreve uma história de vida, vida que só se desenrola em decorrência dos acontecimentos a sua volta e do local em que se vive.

Constatando então que biografias sobre mulheres e mesmo aquelas escritas por mulheres são parcas, o questionamento que fica é a quem interessa manter o mercado reduzido para tal tipo de livro, numa forma talvez de monopolizar o texto e de controlar, afetar ou influenciar uma área ou o espaço, utilizando aqui o conceito de territorialidade forjado por Sack (1986). O autor afirma que a questão de território depende totalmente de quem está influenciando e controlando o quê e quem, haja vista os contextos geográficos de espaço, lugar e tempo: “A territorialidade está intimamente relacionada em como as pessoas usam a terra e como elas organizam-se no espaço, e como elas dão sentido ao lugar” (SACK, 1986, p. 3). Lança-se assim a pergunta: é sensato o uso do espaço pela vertente da história?

Nesse sentido, busca-se compreender a biografia de Olívia Maia Mazzolli, *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, do escritor Wilson Gelbcke, preocupando-se com o gênero e o contexto sócio-histórico – tido por alguns autores aqui tratados como um dos aspectos da paisagem cultural, que se constrói e se sente neste artigo por intermédio de uma moldura feminina. A narrativa descreve a vida de Olívia Maia Mazzolli, que desempenhou na sua cidade natal, Joinville (SC), um importante trabalho voluntário com vistas a ajudar famílias desamparadas socialmente. Ainda, intenciona-se traçar uma relação que se estende entre o lugar da mulher na história, a paisagem e aqueles de quem se pode, ou como podem, escrever uma biografia. O passar e o repassar de memórias possibilitam o estudo das condições históricas donde emergem interesses diversos que seus atores nem sempre conseguem conciliar.

A paisagem cultural e a biografia: retratos de uma realidade particular

Levando em conta tais premissas, foi trazida aqui a narrativa *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, primeira publicação do gênero textual biografia do joinvilense Wilson Gelbcke. Trata-se de uma narrativa a respeito da vida de Olívia Maia Mazzolli relatada por ela própria ao escritor. O livro também traz poemas e crônicas de autoria da mulher, além de fotografias dela e de sua família.

Olívia Maia Mazzolli é nascida em Joinville (SC), atuou como professora e também foi funcionária da Receita Federal. Ela fundou em 1980, juntamente com o seu marido e outros casais do Movimento Familiar Cristão, o Centro de Estudos e Orientação da Família (Cenef), uma entidade sem fins lucrativos que ajuda anualmente com orientações e aconselhamentos centenas de famílias afetadas por problemas de desagregação e crises. A instituição é hoje referência nas áreas de orientação e aconselhamento familiar, psicoterapia, psicopedagogia, pedagogia, fonoaudiologia e assessoria jurídica (GROTH, 1999).

Quis-se trabalhar com o livro *Primavera em pleno outono* por ele fugir do senso comum e por não tratar de pessoas tão corriqueiras nos discursos biográficos. Além disso, biografias que retratam a vida de mulheres são muito raras, com exceção daquelas que contêm narrativas sobre grandes nomes midiáticos.

Considera-se, igualmente, que se podem perceber os balanços irregulares efetuados sobre o gênero das biografias como mais uma das formas de exercício do poder masculino. Trata-se, a nosso ver, de uma carência que está diretamente relacionada à negação de um direito partilhado de memórias. Afinal de contas, seria preciso modificar o método de reconstituição das histórias, a fim de não deixá-las como um direito exclusivo de alguns grupos ou gênero. Basta um simples olhar, como observa Ginzburg (1989), para notar formas de saber e experiências cotidianas que constituíram no século XIX a noção de patrimônio que era “em parte unitário, em parte diversificado, de homens e mulheres pertencentes a todas as classes sociais” (GINZBURG, 1989, p. 167), embora essa realidade não seja colocada em primeiro



plano nem se oponha frontalmente, até o presente, às noções enraizadas no senso comum, na historiografia e na literatura de um protagonismo masculino. Como resultado e pelo fato de a maioria dos atores lembrados pela história ser homem, a narrativa adotada nas poucas biografias sobre mulheres aponta para uma complexa tensão que se mantém nos caminhos conjuntos trilhados pela literatura e pela história.

Logo, aqui já se pode ver um aspecto da sociedade ocidental, ao valorizar a história masculina em detrimento da feminina, reflexo de um sistema machista, ainda que velado, e verificado através dos tempos na grande maioria dos grupos sociais, independentemente de nação. Sendo o homem o protagonista das histórias sobre o mundo, fica mais fácil para ele retratar esse mundo, seus hábitos, costumes e cultura a sua maneira. Quando ele assim o faz, passa a ser dono daquele território especificamente, tornando-se membro de uma comunidade (SACK, 1986).

Isso se reflete, por exemplo, no fato de os homens serem maioria na política, nas empresas e até mesmo nas artes, menosprezando a mulher, que também é membro de uma comunidade, mas que não tem a mesma relevância e, por isso, não precisa ficar em evidência. Logo, pode-se apreender que o território, conforme Sack (1986), pode ser usado para conter ou restringir, bem como para excluir.

A narrativa analisada aqui começa em 1924, ano de nascimento da biografada, e o capítulo de abertura do livro é introduzido ao leitor, assim como a ainda criança Olívia, com uma curta descrição do contexto sócio-histórico do Brasil:

Idos de 1924... Tenentes das forças armadas, insatisfeitos com a campanha presidencial de Artur Bernardes, ocupam o palácio do governo em São Paulo dispostos a derrubar a Primeira República. Enquanto o Brasil procurava uma maior sensibilidade para questões sociais, dando início ao Modernismo e lutando pelos valores culturais, Olívia Maia nascia em Joinville (GELBCKE, 2004, p. 15).

É interessante observar que toda vez que o narrador vai se referir aos movimentos e fatos que estão ocorrendo simultaneamente ao fragmento da biografia, ele descreve acontecimentos do país e do mundo, e nunca de Joinville de modo específico, cenário de nossa história. Não se sabe o motivo de o narrador dar preferência às questões nacionais a mencionar os eventos locais ou regionais, mas



6

se nota bastante a importância que ele dá a questões políticas e econômicas na história, como se por causa delas unicamente a vida da biografada tenha se desenvolvido.

Voltando ao trecho destacado da obra, o narrador refere-se à Revolta Paulista de 1924, cujo objetivo era destituir o presidente Artur Bernardes do poder, tido como inimigo dos militares e governante que privilegiava a oligarquia. Nas duas vezes em que fala da situação política da época, em que imperava a Política do Café com Leite, quando o poder nacional se centrava alternadamente nas mãos de empresários de São Paulo, região próspera por conta da agricultura cafeeira, e de Minas Gerais, em alta por causa da produção de leite e derivados, o narrador recorre às expressões “insatisfeitos com a campanha”, “derrubar a Primeira República” (GELBCKE, 2004, p. 15), demonstrando talvez certa antipatia pelo movimento que foi denominado de Revolução de 1924, cujo objetivo era destituir o presidente Artur Bernardes do poder, tido como inimigo dos militares e governante que privilegiava a oligarquia. Além disso, a fase também ficou marcada por forte instabilidade e revoltas comandadas pela própria população, insatisfeita com o governo (DELPHINO, 2010). Então, talvez o narrador tenha se abalado com tal posição, sendo avesso a ela por meio de palavras de desagrado em relação ao poderio militar que provocou a revolução.

Ainda no primeiro capítulo:

Dramáticas reformas políticas e sociais no país, em que os alicerces da República Velha foram abalados pela Coluna Prestes, que tentava derrubar o governo de Washington Luís. A pequena Olívia só mais tarde compreenderia tais dificuldades e as lágrimas derramadas. Afinal, era a caçula da família e não tinha tempo para decepções já nos primeiros anos deste mundo (GELBCKE, 2004, p. 19).

Nessa passagem, mais uma vez o autor utiliza expressões como “dramáticas reformas políticas e sociais” e “os alicerces da República Velha foram abalados pela Coluna Prestes” (GELBCKE, 2004, p. 19), demonstrando aparentemente antipatia com movimentos contrários ao governo, haja vista sobretudo o uso da palavra *abalados*, que indica algo com pouca firmeza, logo, de conotação negativa.

Ademais, com essa passagem, podemos inferir que quando criança Olívia não tinha voz no que compete ao assunto política, enquanto seu pai “era muito chegado à política partidária. Naquele tempo eram dois partidos, o Liberal e o Republicano. Eleutério [pai de Olívia] era republicano, mas não gostava de aparecer como político” (GELBCKE, 2004, p. 20). Num depoimento de Olívia, ela conta:

Hoje, diante dos fatos e da história, compreendo muito bem que a nossa sociedade local, à época, compreendia apenas duas classes: a da elite, rica, dos coronéis, dos homens públicos e políticos, dos empresários... e a classe pobre, dos empregados e funcionários. Nossa família pertencia a esta, a classe pobre (MAIA *in* GELBCKE, 2004, p. 20).

Assim, podemos entender que só depois de adulta, mulher feita, a biografada pôde revelar seu ponto de vista referente a uma situação que ficara no passado, porém não fica claro aqui se a opinião de Olívia não era levada em conta pelo fato de ela à época ser criança ou por ela ser mulher. Além disso, a biografada expôs sua opinião sobre o assunto somente após quase meio século, indicando talvez evolução no modo de pensar da sociedade em relação à mulher e sua participação na política.

A mulher por muito tempo se omitiu, ou foi omitida, do campo político por diversos motivos, consequência, segundo Perrot (2006), da sua exclusão da vida pública e também do espaço público da Europa Ocidental do século XIX. Sendo a política essencialmente masculina, as mulheres ficaram mudas por longos períodos no tocante ao assunto, sendo apagadas desse viés da história, ou não levadas em conta. Como a história é social, ela privilegia, portanto, as classes e negligencia os sexos, ficando difícil construir a história das mulheres, haja vista faltam fontes que as retratem, principalmente à mulher comum e de classes populares mais baixas.

Também, ao longo da história às mulheres cabiam as atividades do lar e da família, desde que elas estivessem, no entanto, nas classes média e alta, o que não era o caso de Olívia. Mulheres de uma classe social mais inferior eram de grande valia para a sobrevivência das famílias e ajudavam na provisão do lar, já que participavam ativamente do mercado de trabalho, em função da precariedade das condições sociais, que sempre foi uma constante na história da humanidade. Pela perspectiva histórica, as funções exclusivas da mulher são o lar e a maternidade, e nos relatos em

que as mulheres sobressaem verificamos que ainda se mantém uma identidade fixa feminina em função da dominação masculina (ZIMMERMANN; MEDEIROS, 2004).

Na biografia analisada, é necessário considerar dois pontos: o narrador, aquele que conta a história, já ser um senhor de idade, criado em regime rígido, que sofreu décadas depois com a ditadura militar, e num mundo em que o homem tinha vez, em detrimento da mulher; e a questão de o biógrafo ser homem e se dispor a narrar a história de uma personagem mulher. Por toda a criação diferenciada entre homem e mulher e posição social, é impossível o assunto feminino x masculino não vir à tona nas falas da personagem ou na narrativa do autor. Enquanto o homem tem o mundo aos seus pés e acesso ilimitado a ele, o mundo feminino sempre foi muito menor e mais restrito. Era permitido à mulher apenas o que o pai e, posteriormente, o marido acreditavam que era o melhor, levando-se em conta a opinião da sociedade. Quando muito a mulher podia se manifestar a respeito de temas sociais e morais. Afinal, como afirma Sack (1986), todos temos uma posição no mundo, no entanto, ao mudar essa posição, mudamos também a nossa relação com os outros.

Todavia, Foucault (1996) salienta que o discurso dito permanece dito e ainda está por dizer, como se fosse uma releitura. Assim, o discurso analisado aqui foi dito em 2004, ano de lançamento da obra estudada e, portanto, marcado num tempo. O discurso é decorrente de um jogo de vontades e de interesses e produzido em determinado tempo histórico. Então, resta ao leitor, nesse caso, ter atenção sobre o que é dito, para que o que lê não seja transformado em verdade única e absoluta.

De qualquer forma, fazendo uma análise da voz do narrador e da voz da própria biografada, Olívia, verificamos uma leve contraposição entre as duas personagens. Enquanto parece que o narrador era a favor da política oligárquica em voga na época, usando expressões como *derrubar o poder* e *alicerces abalados*, demonstrando possivelmente ser contra os movimentos revolucionários que ocorreram tentando destituir o poder, Olívia diz que a sociedade então contemplava apenas dois grupos: a elite/oligarquia e os pobres, em que ela e sua família se enquadravam. A maneira como ela dá essa declaração, contudo, parece indicar certo desagrado por esses



polos tão distintos e distantes. Todavia, não conseguimos compreender tal fato claramente, pela pouca ênfase que o narrador dá a esses acontecimentos.

No parágrafo de abertura do segundo capítulo, que narra a vida da biografada de 1930 a 1941, o autor contextualiza a época em que se passa a juventude de Olívia, os anos 1930, quando “o Brasil foi sacudido pela revolução que colocou Getúlio Vargas no poder” (GELBCKE, 2004, p. 27).

Com a expressão “a revolução que *colocou* Getúlio Vargas no poder” (GELBCKE, 2004, p. 27, grifo nosso), notamos que, na opinião do narrador, Getúlio Vargas não mereceu chegar ao poder, tendo sido *colocado* naquela posição. Personagem contraditória da história brasileira, Getúlio Vargas foi líder civil da Revolução de 1930 e impediu a posse do presidente eleito, Júlio Prestes, assumindo então a presidência da república por meio de um golpe militar, com o qual instaurou a ditadura civil e militar no país.

Com o trecho: “Seu governo [de Getúlio Vargas] fez concessões às classes populares, enfrentando a oligarquia. Momentos difíceis, principalmente para quem estava desempregado, como o pai de Olívia Maia” (GELBCKE, 2004, p. 27), ficamos com uma dúvida: se o presidente enfrentou a oligarquia e fez concessões às classes sociais mais baixas, estava ao lado destas, o que indica que beneficiaria a família de Olívia também, o que, no entanto, parece que não aconteceu, haja vista que a família passou por momentos difíceis. Tem-se então uma contradição nesse ponto da narrativa. Todavia, como diz o narrador: “Se a vida era amarga, o jeito era torná-la mais doce” (GELBCKE, 2004, p. 27). Com essa assertiva, o narrador declara certo descontentamento com o contexto principalmente político do Brasil.

Considerando que vivemos em uma sociedade patriarcal, em que a mulher se subordina aos domínios masculinos, sobretudo nos séculos passados, conseguimos ver em tempos de crise o poder e a força de atuação femininos, quando das mulheres lhes são exigidas união familiar, organização da casa e estabilização. É em tempos de crise que a atuação delas se destaca e em que elas ganham mais poder e ficam mais perto do empoderamento, assumindo por vezes as rédeas da situação.

“As mulheres, enquanto portadoras de uma memória das sensibilidades, dos sentimentos, dos detalhes tanto de ordem pública e privada, das pequenas coisas como fotos, objetos pessoais, são jogadas no calabouço do privado e trazidas para os discursos triunfantes masculinos como o avesso da ordem e do progresso” (ZIMMERMANN; MEDEIROS, 2004, p. 40), até que elas sejam necessárias na ordem e do progresso da casa e da família. Então, passado o momento de crise, poucas voltam ao seu lugar de origem, não depois de tanto fazer e das conquistas alcançadas.

Não podemos nos esquecer, além disso, de que a biografia trabalhada aqui tem como narrador um homem, que se propõe a escrever sobre uma mulher. Logo, nossa personagem é escrita sob os olhos desse homem com base na perspectiva que ele tem sobre ela, nem sempre entendendo os sentimentos e os modos de vida nos espaços femininos, na medida em que não divide o mesmo espaço de atuação na sociedade. Embora seja estreita a relação entre biógrafo e biografada, especialmente nesse caso em que a própria biografada forneceu depoimentos ao autor da obra, devemos nos ater ao fato de que Olívia é a todo o momento descrita com olhos que não são seus. Logo, nesse caso, a narrativa sobre Olívia é uma criação dos homens.

Explica Perrot (1989 *apud* ZIMMERMANN; MEDEIROS, 2004, p. 37): “Os modos de registro das mulheres estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade. O mesmo ocorre com o seu modo de rememoração, da montagem propriamente dita do teatro da memória”. Assim, tendo campos de atuação diferentes e práticas sociais distintas, mulheres e homens constroem memórias e, por que não, vidas de maneiras muito diferentes, construindo a seu próprio modo seu passado, seu discurso e sua imagem.

De qualquer forma, é interessante a iniciativa do autor de querer escrever uma biografia sobre Olívia, uma mulher comum e sem feitos grandiosos ou notáveis. Embora seja parte de um trabalho voluntário importante para a cidade de Joinville, sua atuação maior foi em relação a sua família e seu trabalho no campo educacional, indo na contramão dos grandes nomes que possuem biografia própria. Conforme constatam Zimmermann e Medeiros (2004), no século XIX, por exemplo, os escritores

masculinos privilegiavam suas personagens femininas pela beleza e riqueza, o que não é o caso na obra analisada.

Olívia sobre essa fase de sua vida revela, contudo, prazer, afinal, por causa do desemprego do pai, a solução encontrada pela família foi fabricar balas e bombons em casa, atividade da qual todos os membros da família participavam:

Como era bom... A gente ao redor da mesa [...], embrulhando balas e bombons feitos ao forno quente. [...] Ainda lembro, com saudades, dos encontros com minhas primas do interior. Elas adoravam chegar lá em casa na hora do mutirão da fabriqueta de balas e desfrutar das guloseimas. Depois vinha a revanche, quando nós, da cidade, íamos aos adoráveis sítios onde as primas moravam. Ah, a hora do *Frühstuck* (lanche entre o café da manhã e o almoço) com as tias cortando fatias de pão, *Kock Käse*, linguiça, nata, manteiga, geléia... Saborosos produtos de suas fazendas, feitos por mãos experientes (MAIA in GELBCKE, 2004, p. 27).

Conforme Claval (2002), compreendendo as características de um lugar, seus hábitos, tradições e costumes, entendemos também aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais, e deles fazem parte os cheiros e os sabores das comidas locais, por exemplo. Todos os alimentos consumidos à hora do *Frühstuck* e citados na fala de Olívia, à época caseiros, são – acredita-se – bastante consumidos por alemães e até hoje facilmente encontrados nas residências de Joinville, sobretudo das famílias naturais da cidade – possivelmente um hábito herdado dos imigrantes alemães.

Os lugares em que a história da biografada se passa, assim como os bens culturais selecionados para o tombamento e, por conseguinte, para se tornar patrimônio cultural, são agentes que constroem e inventam tradições e têm a capacidade de expressar a história oficial de determinado grupo, forjando uma identidade a ele. Em função de certa apropriação do passado, o patrimônio cultural é supostamente homogeneizado (LEITE, 2007), contudo reforça Arruda (2009, p. 193): “Processos de construção de identidades culturais, em particular, as identidades nacionais, são sempre resultantes de conflitos, de disputas por hegemonia”. Tais disputas em torno da memória suprimem grupos minoritários no processo de estabelecimento da identidade coletiva nacional, e o espaço tem função primordial

nessa questão, de acordo com a afirmação de Claval (2002, p. 24): “O espaço jamais aparece como um suporte neutro na vida dos indivíduos e dos grupos”.

Foi o que aconteceu com o Colégio Bom Jesus na Segunda Guerra Mundial e na Campanha de Nacionalização perpetrada pelo ex-presidente Getúlio Vargas, mesmo período em que Olívia por um tempo frequentou a escola, ainda como aluna.

O Colégio Bom Jesus, cujo princípio era aliar educação e religião, antes se chamava Escola Alemã e foi construída em virtude da grande movimentação da elite germânica da colônia, que não queria que as suas crianças tivessem aulas com Padre Carlos, de orientação católica. Tais imigrantes acreditavam também que a questão deveria ser de iniciativa comunitária, e não do Estado (GPER, 2013).

Na Deutsche Schule se ensinavam a ideologia da cultura protestante e a língua alemã, pois já se entendia a importância de repassar a tradição e os costumes para as gerações seguintes, assunto sobre o qual fala Koselleck (2014). Ele explica que há várias estruturas comuns, as de condições de socialização, que influem na consciência, como um filtro. Duas dessas condições são a comunidade linguística e a ideologia religiosa. Tudo interfere nas precondições estruturais do sistema social e na formação da consciência, e desempenhar esse trabalho desde cedo era sinônimo de garantir a manutenção de tradições e hábitos que se queriam conservar.

Fora isso, conservação das tradições e o seu repasse são formas de manter certa hegemonia e de definir e organizar a comunidade conforme certos paradigmas impostos pela territorialidade, porém retaliações contra esta representam restrições à cultura. Tais retaliações impõem que territórios sejam designados para servir as necessidades da sociedade orientada pelo mercado do homem branco, nesse caso os imigrantes alemães moradores de Joinville (SACK, 1986).

A fundação do Colégio Bom Jesus veio a ocorrer apenas mais tarde, em 1926, pela professora Anna Maria Harger (IELUSC, 2016), diretora da escola na época em que Olívia ali estudara. A transição entre Deutsche Schule e Colégio Bom Jesus foi resultado da Campanha de Nacionalização, fortemente sentida nas décadas de 1930 e, sobretudo, de 40, quando o cerco se apertou em razão da Segunda Guerra e se viu fundamental demonstrar repúdio aos países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). Uma



ação oriunda de tal campanha foi a proibição do uso de línguas estrangeiras (com destaque para a alemã, em Joinville) nas escolas particulares, além da veiculação de jornais e periódicos em outro idioma que não o português. Também se proibiram associações culturais e recreativas e outras formas de expressão, das culturas estrangeiras, consideradas inimigas da ideologia da identidade nacional. O narrador da obra analisada expõe sua opinião no tocante a esse período: “[O Brasil] lutava para se libertar de ideias integralistas; a repressão do governo getulista não tardou e logo acabou com aquela rebelião” (GELBCKE, 2004, p. 28), o que deixa subentendido que ele concorda com as atitudes de Getúlio Vargas de “nacionalizar” uma nação.

O primeiro ato nacionalizador, em 1937, atingiu as instituições escolares. Segundo Kreutz (1994), houve uma série de decretos dirigidos principalmente para as escolas rurais, que pareciam oferecer mais perigo. Os decretos permitiam licença somente para professores brasileiros natos, material didático em português e uso obrigatório do idioma nacional.

A campanha desembocou no Estado como medidas repressivas e na destruição de obras e documentos históricos e culturalmente valiosos. A educação no Sul do Brasil sofreu brusca modificação, na tentativa de anular as diferenças culturais na busca de uma identidade homogênea, fato que pôde ser vivenciado em Joinville, afinal de contas a organização da paisagem cultural é o reflexo de um sistema de poder e da expressão da personalidade do grupo social que pertence àquele espaço (CLAVAL, 2002). Mesmo com a preocupação e pressão governamental proibindo e perseguindo, sobretudo o uso da língua estrangeira, as comunidades ou colônias alemãs persistiam no uso da língua de origem, vencendo as barreiras idiomáticas.

Olívia sobre essa época conta que Anna Maria Harger “foi submetida a fortes pressões” (*in* GELBCKE, 2004, p. 29) por essa razão, mas o fato “não abalou os alunos” (*in* GELBCKE, 2004, p. 29). Apesar da relevância da Campanha de Nacionalização para o Brasil e da Segunda Guerra para o mundo, esse fragmento da vida da biografada é citado muito brevemente. Não se sabe se isso se deve ao fato de a biografada não se lembrar desse período, ou de ela não *querer* se lembrar dele.

De todo modo, ao falar dos efeitos da guerra, Gelbcke (2004, p. 29) utiliza a expressão “dramáticos” e assegura que eles “repercutiram entre os adultos, principalmente em regiões de tradições germânicas como Joinville”. Verifica-se aqui a questão de em Joinville ter-se muito saliente o discurso da tradição alemã, numa tentativa de se forjar uma história singular e uma identidade para o município. De fato, Joinville recebeu em 1851, ano de sua fundação, as primeiras levas de imigrantes, em sua grande maioria alemães, mas também suíços e noruegueses. Todavia, essas terras já eram ocupadas por indígenas e africanos escravizados – grupos apagados da história oficial municipal. Então, o destaque especial que o narrador dá ao fato de Joinville ser considerada uma cidade tipicamente germânica no discurso biográfico analisado vem ao encontro do discurso oficial que se procura manter sobre Joinville, reforçando a ideia de uma cidade cuja identidade é a alemã, identidade aceita, no entanto, pelos habitantes da cidade ou por aqueles mais proeminentes na região.

Outro ponto detalhado na narrativa e de importância para a vida da biografada e para a história de Joinville foi ter sido instalado no município no ano de 1942 o curso de Samaritanas da Sociedade da Cruz Vermelha, associação cuja função era ajudar os combatentes feridos em guerra, haja vista a Segunda Guerra Mundial, que se deflagrava pelo mundo. Olívia, como “destemida e brava mulher” (GELBCKE, 2004, p. 7), não se fez de rogada e se juntou ao grupo para colaborar no cuidado médico dos feridos nos confrontos oriundos da disputa: “Tudo a gente fazia com alegria... Tenho a impressão de que por volta de cinquenta mulheres, casadas ou não, aderiram ao chamado para serem samaritanas da Cruz Vermelha” (MAIA *in* GELBCKE, 2004, p. 41). As aulas do curso tinham como cenário o Hospital Municipal São José, mas eram vários os pontos de atendimento espalhados pela cidade, entre eles um situado na Creche Conde Modesto Leal, local em que Olívia estava afixada para prestar assistência. A instituição também recebia aulas teóricas de médicos recém-formados.

Conforme o *site* da Cruz Vermelha Brasileira¹, atualmente a única sede da entidade no estado de Santa Catarina fica em Florianópolis. Pela narrativa, não se

¹ Informações disponíveis em: <<http://www.cruzvermelha.org.br/pb/filiais/santa-catarina/>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

sabe se a filial em Joinville se manteve na cidade somente até o fim da grande guerra, ou se os trabalhos continuaram por mais algum tempo depois disso.

Samaritana da Cruz Vermelha, Olívia recorda-se com satisfação do momento: “Foi um período alegre e gratificante, em que podíamos externar nosso sentimento patriótico” (MAIA *in* GELBCKE, 2004, p. 41). Aqui é possível perceber claramente o orgulho de pertencer ao seu país e quanto lhe é boa a sensação de ser útil à nação.

Desse sentimento de pertencimento ao espaço nos fala Claval (2002). O teórico afirma que esse afeto pelo lugar nasce da integração do eu em um meio ambiente e social particular. O mesmo podemos observar nas comemorações do fim da guerra: “Então chegou oito de maio de 1945... Dia da Vitória” (MAIA *in* GELBCKE, 2004, p. 41). Embora Olívia fosse descendente de alemães, ao celebrar o término da batalha e a derrota da Alemanha, vê-se que ela estava contra o governo que estava à frente do país na ocasião e, assim como muitos, queria o fim do embate. Acerca desse sentimento a princípio contraditório comenta o político e filósofo romano Cícero, mencionado por Todorov (2010, p. 82):

Consideramos nossa pátria, tanto o lugar de nosso nascimento, quanto a cidade que nos conferiu a qualidade de cidadãos. Essa última é necessariamente o objeto de uma maior afeição: ela é a república, a cidade comum: devemos estar prontos a morrer por ela, dedicar-nos inteiramente a ela. Tudo o que é nosso, pertence-lhe; devemos sacrificar-lhe tudo.

A respeito do assunto, Olívia ainda continua: “Alegria nas ruas, a guerra finalmente acabava. Espontaneamente, todas as samaritanas foram para a rua do Príncipe, onde havia um coreto, e lá cantaram hinos e fizeram discursos cívicos sobre os feitos dos pracinhas” (MAIA *in* GELBCKE, 2004, p. 41). Tal fala demonstra que as pessoas, pelo menos em sua maioria, compartilhavam da opinião de Olívia, pois celebraram juntamente com ela o momento, afinal acabava naquele momento o maior confronto bélico da história da humanidade.

O narrador inicia o novo capítulo mais uma vez contextualizando o leitor sobre a época em que acontece o trecho da história, e não se podem notar palavras de desagrado quanto ao contexto político do período: “O país passava por fortes alterações políticas e Getúlio Vargas voltava ao poder em 1951. Joinville festejava o

seu Centenário” (GELBCKE, 2004, p. 53). No depoimento de Olívia acerca da ocasião municipal, ela lembra que foi uma festa bonita para os 100 anos de Joinville e seus 43 mil habitantes, com desfile do qual participou com seus alunos, já que nessa época ela atuava como professora. Da festa, participaram turistas também, que lotaram todos os hotéis do município. Aqueles que não conseguiam vaga ficavam hospedados na casa de sua família. Ela relata também que houve um “baile oficial do centenário, com vestidos longos e caprichados” (MAIA *in* GELBCKE, 2004, p. 53).

Na década de 1950, Olívia tornou-se funcionária pública por meio de um concurso e foi nomeada para a Delegacia Regional do Imposto de Renda em outubro, ainda ano letivo, fazendo-a abandonar a sala de aula: “Opção difícil que não me deixava alternativa” (MAIA *in* GELBCKE, 2004, p. 56). A biografada conta a respeito de como era trabalhar na época em um cargo público: “Havia incentivo de aperfeiçoamento e qualificação dos funcionários públicos” (MAIA *in* GELBCKE, 2004, p. 57). Ela mesma fez três cursos por correspondência contratados pelos órgãos centrais e departamentos administrativos. “Naquela época, fazer carreira na Receita Federal era aceitar desafios e se entregar ao trabalho de corpo e alma” (MAIA *in* GELBCKE, 2004, p. 56).

Em 1964 o Brasil vivenciou um golpe militar que colocou o general Castelo Branco na presidência. Sobre isso, o narrador comenta:

No golpe militar de 1964, o general Humberto de Alencar Castelo Branco assumiu a Presidência da República. O país passava por radicais transformações políticas e Olívia Maia Mazzolli aceitava novos desafios ao participar, com outras mulheres dinâmicas, da União Cívica Feminina, o que lhe valeu o encontro com o próprio presidente (GELBCKE, 2004, p. 70).

Em 1966, em visita do presidente Castelo Branco a Joinville, Olívia foi encarregada de proferir algumas palavras em nome da União Cívica Feminina (UCF) e das mulheres de Joinville, o que aconteceria na abertura da 29.^a Exposição de Flores e Artes, na Sociedade Harmonia Lyra: “Na escadaria da Lyra, só eu e o presidente, e ninguém mais. Disse-lhe algumas palavras e ele, apertando-me a mão, agradeceu com muita cortesia. O flagrante foi captado unicamente pelas lentes do Herkenhoff,



de Joinville, que conhecia os cantinhos da Sociedade” (MAIA *in* GELBCKE, 2004, p. 71). A foto, em moldura especial, foi afixada na sede da UCF, para comprovar o fato.

Aqui tanto narrador quanto biografada parecem simpatizar com Castelo Branco, com Olívia demonstrando orgulho de tê-lo conhecido, de ter apertado a sua mão e de dividir com ele uma fotografia, apesar de ele ser um dos responsáveis por um dos períodos mais sangrentos e obscuros do país: a ditadura militar, que perdurou até 1985, instaurando nesse período um árduo e cruel regime pelo Brasil. Todavia, também ficaram satisfeitos com a nova situação política nacional importantes setores da sociedade brasileira, como grande parte do empresariado, da imprensa, dos proprietários rurais, da Igreja Católica, da bancada política e da classe média, acreditando que com a intervenção militar se teria o fim da ameaça de esquerdização do governo, bem como se controlaria a crise econômica. Com o golpe militar, objetivava-se restaurar a disciplina e a hierarquia nas Forças Armadas e deter a ameaça comunista, que aparentemente – acreditavam alguns – sobrevoava os ares do Brasil (CASTRO, 2015).

Com a posição de Olívia em relação a Castelo Branco, vemos uma tendência mundial ocorrida na segunda metade do século XX: a vontade de a mulher se inserir em campos até então de acesso exclusivo, em sua maioria, aos homens, como o campo da política. Desde a década de 1960, mesma época do golpe militar, por influência sobretudo das mudanças comportamentais nos Estados Unidos e na Europa, as mulheres passaram a se movimentar e se juntar em prol de direitos sobre o próprio corpo, da igualdade civil, do respeito intelectual e também da vida política.

A ditadura militar, instaurada no Brasil em 1964, não colocava homens e mulheres no mesmo patamar. Pelo contrário, no fervor do surgimento mundial da pílula anticoncepcional, no Brasil a ditadura militar lutou a favor do controle de natalidade, com esterilização em massas, e diminuiu a quantidade de informações sobre métodos contraceptivos, negando às mulheres o poder de decidir sobre o método que preferiam. Ainda, era dado aos homens poder de decisão sobre elas, necessitando as mulheres de consentimento, por exemplo, para que pudessem trabalhar fora.

Por isso, muitas mulheres tiveram participação ativa na luta contra a ditadura militar, fosse por meio de movimentos estudantis, de partidos, sindicatos e organizações clandestinas, fosse desafiando o machismo e o papel de passividade e de domesticidade que lhe era imposto (MEMÓRIAS DA DITADURA, 2017).

Todavia, nada é dito sobre a participação de Olívia a favor ou contra a ditadura militar, ao contrário da Segunda Guerra Mundial, em que atuou como samaritana da Cruz Vermelha. De qualquer modo, ao ter orgulho de ter conhecido o general e fazer questão de incluir tais memórias em sua biografia, assim como a foto em que aperta a mão do ex-presidente, compreendemos por tais atitudes que politicamente concordava com o governo ditatorial e suas ações.

Aparentemente a biografada simpatizava com o general Castelo Branco e, por consequência, com a ditadura instalada no país, deflagrada com a chegada do militar à presidência, tendo em vista suas atitudes no tocante ao general. Conforme a narrativa, pode-se inferir que Olívia simpatizava também com outra figura histórica e de grande importância para a história nacional. Trata-se de Juscelino Kubitschek, que ficou à frente da presidência da república de 1956 a 1961. Isso é dito porque numa passagem da biografia Olívia conta que, em 1976, quando aconteceu o acidente de carro com Kubitschek, que o levou à morte, ela compareceu ao enterro do ex-presidente, por estar no momento a trabalho no Rio de Janeiro, local do sepultamento.

Outra possibilidade para o narrador e a biografada terem achado relevante mencionar na biografia tanto a situação com Castelo Branco quanto com Juscelino Kubitschek não foi a simpatia sentida pelas duas personagens, mas porque ambas são famosas e foram significativas para o cenário político e social do país. Portanto, com isso podemos confirmar que pessoas bastante conhecidas têm mais expressividade do que pessoas ordinárias e, por isso, merecem ser citadas, reforçando o poder de quem tem o direito de contar a história.

Considerações

Como foi discutido no presente artigo, a biografia é um tipo de texto de memórias que funciona como uma confirmação da existência do indivíduo ali esmiuçado e, por meio dela, podem-se analisar o comportamento, os costumes, as tradições e as tensões daquela sociedade que conviveu com o biografado.

Assim como qualquer texto literário, a biografia não é neutra nem imparcial, transmitindo uma visão de mundo particular, a do narrador da obra. A forma como se dá a narrativa de alguma maneira influencia o modo de pensar da população, embora tal descrição seja incompleta e às vezes nem mesmo compatível com a realidade. Fora isso, toda obra literária, e não só as biografias, além de representar certa sociedade, descreve ainda o contexto em que a história se passa, em seus mais diversos aspectos, tal qual o cenário de um filme ou de uma peça teatral, sob o olhar, porém, do narrador.

Não se pode separar a vida do indivíduo do contexto em que está inserido, principalmente porque sua vida acontece em razão dos fatos que se desenrolam a sua volta. Então, este artigo procurou averiguar como se dá a descrição do contexto sócio-histórico numa obra literária do gênero textual biografia, pensando também em como tal discurso interfere na feitura e no transmitir de uma paisagem cultural. Afinal de contas, conforme o homem adentra nesse espaço, carrega consigo costumes, crenças e cultura particulares, demarcando simbolicamente aquele território.

Na introdução dos seis capítulos de que o livro é composto, em quase todos o narrador mesclava a história do país com a história de Olívia, num misto de causa e consequência, ação e reação. A realidade que o país vivia nos períodos descritos no livro orquestrava o palco para Olívia e sua família vivenciarem seus momentos e agirem conforme os fatos.

Com a análise das situações mencionadas no livro, podemos inferir certa simpatia do narrador, e também da biografada, pela época em que o Brasil viveu sob o regime militar, mas em alguns pontos narrador e biografada não compactuam da mesma ideia, ficando claro que ambos nem sempre têm a mesma opinião.

Sendo assim, com o avanço das investigações sobre história social, os indivíduos passaram a ser vistos igualmente como sujeitos das ações que movem o

curso dos acontecimentos, e não mais como agentes de menos ou mais atitudes, tentando posicionar a mulher em pé de igualdade ao homem. Ajudou nesse movimento também as pesquisas que se preocuparam com o gênero feminino e o desmistificar de um sexo até então tido como frágil aos olhos daqueles que tinham acesso à escrita, afinal as mulheres são agentes históricos de tanta importância quanto os homens. Então, a mulher agora ascendeu à condição de objeto e sujeito da história, embora ainda haja resistência nessa direção.

Portanto, podemos ver a importância de uma obra literária com foco no gênero feminino para estudos relacionados não apenas à literatura e às artes, mas também à história, à história das mulheres e à paisagem, auxiliando na compreensão de como as mulheres participam da história e da paisagem dessas comunidades, além de termos a perspectiva de como são vistas e de como percebem seus espaços. Especificamente o gênero textual biografia, de que tratamos aqui, fornece imagens da sociedade em que o indivíduo biografado está inserido, traduzindo tensões, conflitos e costumes da época e do grupo social retratado, afinal o narrador analisa inicialmente o contexto sócio-histórico de que vai tratar para que a sua narrativa floresça.

Referências

ARRUDA, Gilmar. “Minha terra tem palmeiras”: paisagem, patrimônio e identidade nacional. *In*: FUNARI, Pedro Paulo A.; PELEGRINI, Sandra C. A.; RAMBELLI, Gilson (Orgs). **Patrimônio cultural ambiental**. São Paulo: Annablume, 2009.

ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA BOM JESUS (Ielusc). Instituição. **Nossa história**. 2016. Disponível em: <<http://escola.ielusc.br/portal/INST-0>>. Acesso em: 27 maio 2016.

AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da história: possibilidades, limites e tensões. **Dimensões**, Vitória, v. 24, p. 157-172, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/download/2528/2024>>. Acesso em: 17 mar. 2016.

CASTRO, Celso. **O golpe de 1964 e a instauração do regime militar**. 2015. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/Golpe1964>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

CLAVAL, Paul. “A volta do cultural” na geografia. **Mercator**, América do Norte, ano 1,



21

n. 1, p. 19-28, jan./jun. 2002. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/view/192/158>>. Acesso em: 3 jan. 2017.

DELPHINO, Cristine. Revolta Paulista de 1924. **História Brasileira**, 2010. Disponível em: <<http://www.historiabrasileira.com/brasil-republica/revolta-paulista-de-1924/>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Franga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

GELBCKE, Wilson. **Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!** Joinville: Letradágua, 2004.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GROTH, Marlise. Cenef: entidade faz a defesa da família. **AN Cidade**, Joinville, 19 mar. 1999. Disponível em: <<http://www1.an.com.br/1999/mar/19/0cid.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

GRUPO DE PESQUISA EDUCAÇÃO E RELIGIÃO (GPER). Lutero defendia escola pública formadora de bons cidadãos. **Sala de aula**, 28 abr. 2013. Disponível em: <http://www.gper.com.br/noticias.php?secao_id=13¬icia_id=314>. Acesso em: 30 maio 2016.

KOSELLECK, Reinhart. Eclusas da memória e estratos da experiência: a influência das duas guerras mundiais na consciência corporal. *In: _____*. **Estratos do tempo: estudos sobre história**. Tradução de Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto, PUC-Rio, 2014.

KREUTZ, Lúcio. A escola teuto-brasileira católica e a nacionalização do ensino. *In: MÜLLER, T. (Org.)*. **Nacionalização e imigração alemã**. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 1994.

LEITE, Rogerio Proença. **Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea**. 2. ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

MEMÓRIAS DA DITADURA. **Mulheres**. Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/mulheres/>>. Acesso em: 2 mar. 2017.

PERROT, Michelle. A mulher popular rebelde. *In: _____*. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. 4. ed. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Paz e Terra, 2006. p. 185-212.



22

SACK, Robert David. **Territorialidade humana: sua teoria e história.** Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

TODOROV, Tzvetan. As identidades coletivas. *In:* _____. **O medo dos bárbaros: para além do choque das civilizações.** Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

ZIMMERMANN, Tania; MEDEIROS, Márcia. Biografia e gênero: repensando o feminino. **Revista de História Regional**, v. 9, n. 1, p. 31-44, 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/download/227/180>>. Acesso em: 2 mar. 2017.